



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANDRÉ FELIPE RODRIGUES DA SILVA

**A HISTÓRIA DO FUTEBOL PERNAMBUCANO E POSSÍVEIS DIÁLOGOS
COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Recife

Janeiro/2019

ANDRÉ FELIPE RODRIGUES DA SILVA

**A HISTÓRIA DO FUTEBOL PERNAMBUCANO E POSSÍVEIS DIÁLOGOS
COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal Rural de Pernambuco,
como requisito para obtenção parcial do grau
de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Helena Lira.

Recife

Janeiro/2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S586h Silva, André Felipe Rodrigues da.
A história do futebol pernambucano e os possíveis diálogos
com a educação física escolar / André Felipe Rodrigues da
Silva. – Recife, 2019.
46 f.: il.

Orientador(a): Maria Helena Câmara Lira.
Coorientador(a): Rosângela Lindoso.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação Física,
Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Educação física 2. Futebol I. Lira, Maria Helena Câmara,
orient. II. Título

CDD 796

ANDRÉ FELIPE RODRIGUES DA SILVA

**A HISTÓRIA DO FUTEBOL PERNAMBUCANO E POSSÍVEIS DIÁLOGOS
COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

BANCA AVALIADORA:

*Dedico este trabalho a minha mãe, pois
ela foi a minha principal incentivadora
quando eu pensei em desistir.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois sem Ele para nos dar discernimento não somos nada. Foi ele que me deu a oportunidade de chegar até esta etapa da minha vida.

Agradeço à Professora Maria Helena Câmara Lira por aceitar o desafio de me orientar neste trabalho e por ter tido paciência comigo nos momentos difíceis.

Aos meus amigos Moises José, Leandro Augusto, Dalbert Umbelino, Cícero Junior, Edilson Junior e Marcelo Gomes e por estarem comigo em grande parte da minha trajetória no curso, estes tornaram-se amigos que vou levar para o resto da vida.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco onde tive a honra de ser aprovado, no ano de 2012, para o Curso de Licenciatura em Educação Física.

Ao PIBID, pelos três anos e meio de experiência prática na área e, além disso, por ter proporcionado minha volta ao Ginásio Pernambucano, escola a qual tive a honra de estudar antes de ingressar na UFRPE.

Por fim, gostaria de agradecer ao Departamento de Educação Física da UFRPE, onde eu tive experiências exitosas na produção de trabalhos, participação em eventos e viagens com meus colegas.

RESUMO

A monografia em pauta trata da problematização de elementos históricos sobre o futebol pernambucano e a forma como esses conhecimentos podem estar na escola, através das aulas de Educação Física. Para a realização desta pesquisa, estudamos livros que abordam a história do futebol em uma perspectiva mundial até chegarmos a elementos mais específicos de Pernambuco analisando personagens, curiosidades descritas na literatura e eventos que criaram memória para esta prática social no estado citado. Logo, a metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica, principalmente com obras como: história do futebol em Pernambuco, de Givanildo Alves(1978), Charles Miller, o pai do futebol brasileiro, de John Mills(2005), A verdadeira história do futebol brasileiro, de Loris Beane Cunha(1993), o livro Visão de Jogo: primórdios do futebol no Brasil de José Moraes dos Santos Neto(2002), Bola no Pé; A incrível história do futebol, de Luisa Massarani e Marcos Abrucio(2004). Após o estudo destes autores, fizemos um ensaio de textos didáticos para servir de inspiração nas aulas de Educação Física escolar. Concluímos que muito do que a literatura apresenta sobre o futebol pode ser traduzida para o cotidiano escolar atribuindo ainda mais sentido a este esporte tão popular. O futebol, por dentro do esporte como conhecimento curricular da Educação Física, deve ser mais uma forma de entender as conexões entre o que a humanidade produziu sobre a cultura corporal e como podemos trilhar novos caminhos.

Palavras-chave: Futebol; Educação Física; Escola; Pernambuco.

ABSTRACT

The monograph on the agenda deals with the problematization of historical elements about football in Pernambuco and the way that knowledge can be in school, through physical education classes. For the realization of this research, we studied books that address the history of football from a global perspective until we reach more specific elements of Pernambuco analyzing characters, curiosities described in the literature and events that created memory for this social practice in the cited state. Therefore, the methodology used was the bibliographic review, mainly with works such as: History of football in Pernambuco, Givanildo Alves (1978), Charles Miller, the father of Brazilian football, John Mills (2005), the True history of football Brazilian, by Loris Beane Cunha (1993) and the book Game Vision: Early football in Brazil by José Moraes dos Santos Neto (2002), Ball on foot; The incredible history of football, by Luisa Massarani and Marcos Abrucio (2004). After the study of these authors, we performed an essay of didactic texts to serve as inspiration in school physical education classes. We conclude that much of what the literature represents about football can be translated into the school routine attributing even more meaning to this sport so popular. Football, within the sport as a curricular knowledge of physical education, should be one more way to understand the connections between what mankind has produced about body culture and how we can tread new paths.

Keywords: soccer; Physical education; School; Pernambuco.

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS E CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA.....	15
2. UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO FUTEBOL: DO BRASIL PARA O MUNDO E DO MUNDO PARA O BRASIL	17
2.1 FUTEBOL NO BRASIL: UMA HERANÇA INGLESA	21
3. SOBRE O FUTEBOL DE PERNAMBUCO: A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS TIMES	27
3.1 ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL EM PERNAMBUCO.....	31
3.2 O SPORT E SEU INEDITISMO	35
3.3 NÁUTICO, DAS ÁGUAS AO CAMPO	38
3.4 O SANTA CRUZ E SEUS FEITOS HISTÓRICOS	40
4. O PASSE DA HISTORIA DO FUTEBOL PERNAMBUCANO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA	42
4.1 A IMPORTÂNCIA DE GUILHERME DE AQUINO E A FORMAÇÃO DOS 3 PRINCIPAIS CLUBES DO ESTADO DE PERNAMBUCO	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
6. REFERÊNCIAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

Tendo o reconhecimento como a prática esportiva mais popular do mundo, o futebol, sem dúvida, é muito popular no Brasil, segundo suas entidades organizadoras, é a modalidade que tem mais adeptos e praticantes ao redor do planeta, (ROTTMAN, 2016). Geralmente, fala-se sobre os times, técnicos, estilos de jogos, jogadores etc. Faz-se especulações sobre os times acompanhando as notícias diariamente, cria-se expectativas, vibra-se com as vitórias, chora-se com as derrotas, e, infelizmente, se briga e se mata pelo futebol ou usando a desculpa do futebol. Há memórias incríveis sobre viradas, títulos impossíveis, jogadores inesquecíveis, times espetaculares, técnicos lendários. Porém, arriscamos dizer que poucas pessoas conhecem a história dos times de futebol. Como traduzir essas histórias? Como construir uma narrativa? É válido discutir história do futebol em espaços de ensino formal? A Educação Física deve trabalhar com a história dos esportes e do futebol?

Para Ribeiro (2010), o futebol vem de um processo de constantes transformações feitas a partir de alguns jogos de bola ao longo da história, vindo da forma mais primitiva até chegar ao status de esporte como hoje se apresenta. De acordo com Murad(2012) o futebol se difere de outras práticas desportivas, primeiramente, pela sua espontaneidade (pode ser praticado em qualquer lugar), pela imprevisibilidade, por ter baixo custo, não são necessários vários materiais, democrático, pois qualquer um, de qualquer porte físico, pode jogar.

A relação do futebol com o currículo escolar se deu a partir de sua implementação na Inglaterra, no início do século XIX. Mills (2005) destaca que quando ex-alunos de diversas escolas passavam a frequentar universidades como Oxford e Cambridge, as vivências aumentavam e, com elas, alguns problemas. Um jogo entre as equipes do *Old Etonians* e dos *Old Runnarians*, em geral, resultava numa balburdia generalizada. Em 1863, para pôr um ponto final a tanta confusão, a universidade de Cambridge publicou suas próprias regras.

Em 26 de outubro de 1863 foi fundada a *Football Association (FA)*. Como abordado por Mills (2005), os clubes e as equipes desse novo esporte *Association Football* multiplicaram-se como centelhas. A primeira edição da taça da Inglaterra, batizada de *Football Association Challenge Cup*, foi disputada em 1872 e vencida pelo *Wanderes*.

O *Wanderes Football Club* foi um dos principais times ingleses das décadas de 1860 até o final da década de 1870, sendo o primeiro campeão da FA Cup (copa da Inglaterra, competição mais antiga do mundo, que continua sendo disputada até os dias de hoje), em 1872, depois outras 4 vezes. Hoje, este clube vive no amadorismo (MURRAY, 2000).

A criação de competições, o financiamento econômico, o surgimento de novas e eficientes interações sociais é uma das explicações para a sua popularidade, para o ganho de espectadores assíduos, sendo esta, inclusive a justificativa pessoal pela escolha deste tema para esta monografia.

A justificativa de cunho particular para este estudo se ancora em minha paixão pelo futebol, desde pequeno, ao assistir jogos pela TV, ouvir transmissões pelo rádio, e, principalmente, frequentar estádios. Assistir a jogos de futebol se tornou rotina em minha vida, aos sete anos, comecei a acompanhar futebol diariamente, seja pela TV ou pelo rádio, e a ir aos jogos nos estádios. Para Viana (2012), o futebol é muito popular no Brasil e pode ser considerado um fenômeno passado de geração em geração pela influência da mídia, que, por sua vez, visa lucrar com essa popularidade.

Ao começar a ter mais acesso à internet, pesquisei sobre futebol, sobre times, ligas e sobre a copa do mundo; ao começar a trabalhar, comprei livros e tentei compreender outras explicações sobre o futebol. Finalmente, ao entrar no curso de Licenciatura em Educação Física, vi a oportunidade de dialogar com o pouco do que sabia sobre o assunto, a prática docente e com o componente curricular Educação Física.

No âmbito social, a justificativa em estudar a história do futebol está não só em refletir sobre como a história do futebol pernambucano se configurou e se

estruturou na memória deste estado, mas, também, identificar quais possíveis diálogos esse conhecimento pode estabelecer com a escola e o currículo da Educação Física.

Do ponto de vista acadêmico, o trabalho se justifica pela possível contribuição com a Educação Física Escolar a partir do mapeamento de uma bibliografia acerca da história do futebol pernambucano, inspirando outras pesquisas para que também estabeleçam comunicação com os conhecimentos da cultura corporal e sua perspectiva histórica. Para tanto, esta monografia apresenta, em seu último capítulo, um ensaio de texto didático sobre a História do Futebol em Pernambuco, a fim de contribuir com a problematização desse assunto nas aulas de Educação Física, valorizando, inclusive, a interdisciplinaridade.

Dito isto, o presente trabalho se propõe a responder as seguintes perguntas: Como o futebol chegou em Pernambuco? Como os três principais times de Pernambuco foram constituídos? Como abordar a história do futebol nas aulas de Educação Física?

1.1 Caminhos metodológicos e construção da narrativa

Este trabalho foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, através de levantamento livros sobre a história do futebol no mundo, Brasil e Pernambuco, com livros e textos encontrados em *sites* especializados. De acordo com Lima e Miotto (2007), pesquisa bibliográfica vem a ser um conjunto ordenado de procedimento em busca de soluções. A metodologia de desenvolvimento deste trabalho é dividida em três etapas.

A etapa um abordou a narrativa hegemônica sobre o surgimento do futebol e como as civilizações antigas o praticavam até sua chegada e

transformação de jogo para esporte, na Inglaterra. Nesta etapa também foi abordado como o futebol chegou aqui no Brasil.

Para a construção desta etapa, foram utilizados os livros *Bola no Pé: a incrível história do futebol*, dos autores Luisa Massarani e Marcos Abrucio (2004), e, também, o livro *Uma História de Futebol*, do autor Bill Murray(2000). Estes livros tratam desde o nascimento do futebol na China antiga até a esportivização na Inglaterra. No que diz respeito à introdução do futebol no Brasil, foram consultados o texto *História do futebol: um espelho da história do Brasil* do autor Hugo Mota(2006), e os livros *Charles Miller, o pai do futebol Brasileiro*, do autor John Mills (2005); *A verdadeira história do futebol brasileiro*, de Loris Bonea Cunha (1993), e, por fim, o livro *O pontapé inicial: memórias do futebol brasileiro*, do autor Waldenyr Caldas(1990).

A etapa dois teve como foco mostrar como o futebol chegou em Pernambuco e quais os fatores fundamentais para seu desenvolvimento neste estado, esta etapa também discute a formação dos três principais clubes do futebol pernambucano da atualidade (Náutico, Santa Cruz e Sport). Como base teórica foram utilizadas duas fontes, a primeira e principal foi o livro *História do futebol em Pernambuco*, do autor Givanildo Alves (1978), também foi consultada a dissertação de mestrado *Recife entra em campo: História social do futebol no Recife (1905-1937)*, do autor Eduardo José Lima Silva (2013).

A terceira e última etapa teve como objetivo abordar a importância do tema aqui estudado, nas aulas de Educação Física escolar. Nesta etapa, será dada ênfase a Educação Física e seu objeto de estudo, por que o esporte é fator hegemônico nas aulas de Educação Física, e por que o futebol é pouco abordado através de sua matriz histórica. Nesta etapa, também, iremos transcrever dois textos didáticos através de um gênero textual que facilitasse a transposição didática deste assunto para uma aula de Educação Física escolar. Para Crônica, gênero textual escolhido, foi destacada a história de Guilherme de Aquino.

Esta etapa também faz questionamentos sobre Charles Miller ter sido de fato o introdutor do futebol no Brasil, através do diálogo com obras como *Charles*

Miller, o pai do futebol brasileiro, de John Mills(2005), o livro *A verdadeira história do futebol brasileiro*, de Loris Baena Cunha(1993), o livro *Visão de jogo :Primórdios do futebol no Brasil*, de José Moraes dos Santos Neto(2002) e, por fim, o livro, para o texto literário foi utilizado o livro *História do futebol em Pernambuco* de Givanildo Alves(1978).

1. UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO FUTEBOL: DO BRASIL PARA O MUNDO E DO MUNDO PARA O BRASIL

O presente capítulo tem como foco apresentar um ponto de vista sobre indícios que levaram o futebol de uma prática militar a se transformar em um dos esportes mais conhecidos do planeta, assim como trazer as nuances que ajudam a compreender sua chegada ao Brasil e como ganhou popularidade.

O que estava acontecendo em outros lugares do mundo, no que concerne ao futebol, antes deste ganhar registros no Brasil?

Segundo Murad (1996), o futebol, na forma como é praticado hoje, teve suas primeiras regras oficiais em 1863, uma vez que algumas escolas de educação básica, na Inglaterra, já tinham o futebol como esporte principal, contudo, cada uma usando as regras ao seu próprio jeito. Entretanto, os registros de práticas corporais semelhantes ao futebol precedem, e muito, a Inglaterra. Na China antiga, por exemplo, o futebol era usado como ritual de guerra, de acordo com Murad (1996, apud Ruiz,1998, p.21-22):

O tsu chu é o exemplo de como o futebol nasceu na China antiga. Naquele período, após as batalhas travadas, era muito comum ao exército vencedor cortar a cabeça do chefe ou dos melhores guerreiros derrotados. A crença era que “haveria assimilação pelos pés, que são a base do corpo, que é o lugar da vida, de tudo aquilo que estivesse presente na cabeça briosa dos escolhidos: inteligência, valentia, força, habilidade, liderança”, este jogo consistia apenas em fazer a “bola” passar por estacas de madeira no chão.

Ao que parece, os primeiros craques eram mesmo asiáticos. Os nobres japoneses praticaram desde a antiguidade, e, até hoje, um jogo chamado *Kemari*, que era praticado em volta das cerejeiras. Não são contados pontos: o importante é os jogadores passarem a bola, feitas com fibras de bambu, uns para os outros, sem deixá-la cair no chão. O *Kemari* antigo acontecia num campo de aproximadamente 200 metros quadrados e, entre as regras, o contato físico era proibido entre os dezesseis jogadores, oito para cada equipe (MASSARANI E ABRUCIO, 2004).

Na cultura Maia, há registros do *Pok-ta-Pok*, inclusive retratado no filme “O caminho para El Dourado”, do diretor Bibó Bergeron (2000). Como destaca Massari e Abrucio (2004), de maneira geral, eram dois times de um a sete jogadores, que se enfrentavam em um campo dividido em duas partes. A bola não podia ser tocada com as mãos, os pés ou a cabeça, só podia ser golpeada com o antebraço, os ombros, as costas ou as cadeiras. O campo tinha a forma de letra “I” ou de dois “T” s, sendo um deles de cabeça para baixo e o outro para cima, e era cercado por dois muros em suas laterais. Nesse muro, estava o gol, uma esfera com um buraco muito pequeno no meio, por onde a bola deveria passar. Na altura em que os espanhóis chegaram às Américas, o Pok-ta-Pok era praticado na região onde hoje fica o Arizona até a Nicarágua, espalhando-se também pelas ilhas do Caribe, como Cuba e Porto Rico.

Na Grécia antiga e em Roma, também surgiram jogos que deram origem ao futebol, o *Episkiros* na Grécia e o *Harpastum* em Roma. Para Massarani e Abrucio (2004) o *Episkiros* tinha cerca de doze jogadores por time sendo permitido o toque com a mão. Os campos eram parecidos com os que hoje se joga o futebol oficial, era jogado por homens e mulheres sem roupas com óleo aromáticos no corpo, geralmente, em festas em homenagem ao Deus Baco.

No contexto Romano, o jogo passou e se chamar *Harpastum*, variava de acordo com o número de jogadores, podendo chegar até mesmo a centenas de pessoas em cada um dos lados. O campo romano tinha a forma de um retângulo

e era um pouco menor que oficial dos dias atuais. Áreas demarcadas definiam as posições dos jogadores de ataque e defesa. O objetivo era arremessar a bola através da meta adversária. Assim como na China, este jogo tinha a finalidade do treinamento militar, sendo o *Harpastum* mais violento, tendo relatos de jogadores mortos e feridos ao fim das partidas.

Na Itália medieval apareceu um jogo denominado *gioco del calcio*, praticado em campos abertos, com as equipes tendo vinte e sete jogadores cada. O jogo era muito bruto, pois o que dizem é que as pessoas resolviam desavenças de ordens políticas e morais dentro da partida. Isso levou o Rei Eduardo II e os praticantes do *gioco del calcio* à prisão. Em contrapartida, membros da nobreza fizeram uma versão deste jogo, com maior controle da violência e sob o acompanhamento e julgamento de doze árbitros (MASSARI E ABRUCIO, 2004).

De acordo com os autores supracitados, pesquisadores concluíram que o *gioco de calcio* saiu da Itália e chegou à Inglaterra por volta do século XVII. Na Inglaterra, o jogo ganhou regras diferentes e foi organizado e sistematizado. O campo deveria medir 120 por 180 metros e nas duas pontas seriam instalados dois arcos retangulares chamados de gol. A bola seria de couro e enchida com ar.

Por volta do século XVII, na Inglaterra, o jogo já tinha deixado de ser uma diversão de nobres ou treinamento de soldados, era uma diversão popular. A realeza não simpatizava com esse formato de diversão, pois achava que o povo não se interessaria pela esgrima ou arco e flecha, exercícios mais úteis em tempos de guerra. Assim, os reis Eduardo II, em 1314; Eduardo III, em 1331; Henrique IV, em 1410 e Henrique VI em 1547 criaram leis para proibir o futebol. Até os religiosos que gostavam do esporte foram obrigados a jogar escondidos nos mosteiros e nos pátios das igrejas. Os ingleses tiveram, então, de criar regras e deixar o futebol menos agressivo para poderem jogar em liberdade. Finalmente, em 1660, o rei Carlos II permitiu que o povo inglês voltasse a “jogar bola” sem se esconder.

Para Murray (2000), aproximadamente no ano de 1750, quando a Inglaterra apresenta acentuadas mudanças de uma sociedade agrária para uma sociedade industrial, os jogos que eram disputados em campos abertos da zona rural foram adaptados para as ruelas e superfícies duras das novas comunidades urbanas. O tempo livre fixado pelo sol, pelas estações e pelas obrigações feudais foi substituído pelo tempo de lazer muito mais limitado e determinado pela luz artificial das fábricas e pelas necessidades de seus proprietários. Os investimentos em estradas e transportes permitiram que os jogos fossem disputados fora dos povoados locais. Quando os trens a vapor começaram a ligar as cidades em contínuo crescimento da Grã-Bretanha, tornou-se possível disputar em âmbito nacional.

Com o rápido avanço da revolução industrial, a organização dos esportes na Grã-Bretanha começou muito antes que na maioria dos outros países. Podemos dizer que, na Inglaterra, berço do Futebol moderno, esses jogos eram praticados pelas camadas populares, que vinham exercitando essas atividades culturais há várias gerações. Talvez elas não fossem iguais ao Futebol, ao Rúgbi, mas tinham um objetivo cultural de diversão e ligamento entre os membros da comunidade (Murray, 2000).

Murad (1996, apud Ruiz, 1998), lembra que, ainda no início do século XIX, o futebol, devido a herança *gioco del calcio*, era considerado muito violento, além de ser praticado por membros de classes populares, o que não agradava as elites. Todavia, no ano de 1840, o futebol passou a fazer parte do currículo escolar em escolas públicas da Inglaterra, tendo seu tempo dividido com o Rúgbi.

Porém, existia um grande problema, cada uma das 11 escolas que aderiram ao futebol praticava o jogo com suas próprias regras, quando os alunos saíam da escola e entravam para universidade eles não se entendiam e a violência começou e se estabeleceu quando jogadores de diferentes escolas se enfrentavam, até que em 26 de outubro de 1863, na universidade de Cambridge, foi fundada a *Football Association*, criando, assim, as primeiras regras institucionais do futebol. Após este acordo entre escolas, foram criadas as

primeiras competições com regras estabelecidas pela *Football Association*, com isso o futebol deixava de ser um jogo e se tornava um esporte.

Fazer essa releitura da história geral do futebol neste capítulo é necessário para termos conhecimento sobre as discontinuidades e continuidades desta prática social, de como a cultura de povos antigos influenciou a criação do futebol, passando por uma perspectiva de treinamento militar na China, religiosa na Grécia, mostrando também como o futebol era uma prática altamente violenta até a criação das suas primeiras regras oficiais, na Inglaterra do século XIX.

2.1 Futebol no Brasil: uma herança inglesa

De acordo com Caldas (1990), o desenvolvimento dos esportes no Brasil sempre foi visto como uma atividade imprescindível, por governos e governantes, para o enfrentamento de inúmeros problemas prementes, próprios dos países do terceiro mundo. Ainda no século XIX, em 1882, Rui Barbosa, chefe da comissão estadual de ensino, destacou a necessidade de introduzir o exercício físico no currículo das escolas primárias. O resultado não foi muito satisfatório para Rui Barbosa, poucas escolas implementaram e muitos desses exercícios foram realizados a partir da voluntariedade dos imigrantes europeus e de reduzido número de brasileiros que haviam estudado na Europa. Este mesmo grupo social investiu ou incentivou a criação de clubes de lazer com formas relativamente organizadas de exercícios físicos.

Charles Miller, considerado patrono do futebol brasileiro foi desses incentivadores. Caldas (1990) ressalta, ainda, que Charles Miller não foi apenas o principal responsável pelo aparecimento do futebol em nosso país. Mais do que isto, ele tinha o perfeito domínio das regras do futebol naquela época, apitava jogos, além de ser um jogador de extrema habilidade técnica.

Charles Willian Miller era filho de John Miller, um engenheiro, que veio para o Brasil após a inauguração da estrada de ferro Santos-Jundiaí, em 1867, para trabalhar na São Paulo Railway. Quando chegou ao Brasil, John Miller era solteiro, tendo se casado, em 1870, com Carlota Alexandrina Fox. Charles William Miller nasceu em 24 de novembro de 1874, no Bairro do Brás, em São Paulo. No final no século XIX, a maioria dos britânicos que vieram para o Brasil consideravam que seus filhos tinham que ser alfabetizados em inglês, como não havia escolas bilíngues em São Paulo, esses pais optavam por mandar os filhos e filhas para escolas na Inglaterra.

Charles Miller chegou a Southampton, em 1884, para estudar no Banister Court School, onde conheceu o futebol (e o rúgbi) e passou a integrar o time do st. Mary's (hoje conhecido como Southampton). No clube inglês, Miller virou o melhor jogador do time. Em sua volta ao Brasil, da Inglaterra, após 10 anos, o jornal *Southampton and Hanpshire Observer* registrou a despedida daquele que receberia o título de Pai do futebol brasileiro:

Acreditávamos que Charles Miller, o inteligente ponta- esquerda do Banister ajudar a sua equipe nesta temporada, porém, agora me informam que o jogo de hoje será despedida da velha Inglaterra, já que na próxima sexta feira zarpara para seu lar na américa do sul. Sentimos muito perder esse ardente e dedicado desportista, e estou incumbido de expressar melhores desejos dos meus leitores, para que ele tenha uma viagem muito agradável e enorme sucesso em seu novo lar. (Mills, 2005, p. 44).

De acordo com Mills (2005), Charles Miller voltou ao Brasil em 1894, trazendo na bagagem um livro de regras da Football Association, uma camisa do Banister Court School e outra do st. Mary's, duas bolas de futebol, um par de chuteiras e bomba de ar. Ao chegar ao Brasil, Miller começou a trabalhar na São Paulo Railway, importante companhia férrea da época que tinha um clube, fundado em 1888, para a prática de críquete. Este foi o primeiro cenário onde Charles Miller investiu para montar um time de futebol.

O críquete, turfe, ginástica e ciclismo já eram praticados pela elite econômica brasileira, nesse período, o futebol era pouco conhecido o que poderia gerar dificuldades para a consolidação das ideias de Miller. Contudo, pouco tempo após sua chegada, ele reuniu vários jovens associados da companhia de gás, da São Paulo Railway e do London Bank, quase todos ingleses, dando início à prática desse jogo, em São Paulo. No dia 14 de abril de 1895, na Várzea do Gasômetro que o primeiro treino foi efetuado, precisamente na chácara Dulley, situada entre os bairros da luz e do bom retiro. Nesse dia 14 de abril, Charles Miller organizou a partida entre o The Of Team Gaz e o The S.P. Railway Team, vencido por este último por 4 X 2.

Ao chegar ao Brasil, Charles Miller teve mais um motivo para continuar empolgado e divulgando o futebol: ele encontraria aqui o alemão Hans Nobiling. Juntos, passaram a organizar competições no campo de rúgbi do São Paulo Athletic e no velódromo. Seguiu-se, a partir desse momento, uma série de jogos que reunia a elite econômica interessada nesse esporte, destacou Caldas (1990).

Brunoro e Afif (1997), afirmam que além da ajuda de Nobiling (que fundou o clube Germânia) Charles Miller também contou com a ajuda de Oscar Cox.

De acordo com Cunha (1993) em 1900 mais um jovem brasileiro volta da Europa com o desejo de implantar o futebol no Brasil, seu nome era Oscar Cox, ele, junto com seu irmão, que tentou implementar o futebol em vários clubes da cidade de São Paulo, contudo, sem sucesso. Cox foi um dos fundadores do Fluminense, sendo ele responsável por organizar a primeira partida oficial do futebol no Rio de Janeiro, entre a Rio Cricket e ao Athletic Association, de Niterói, a partida acabou empatada em 1 X 1. Esta partida também ficou marcada como o primeiro jogo internacional de futebol no Brasil.

Oscar, que era membro da elite carioca, se associou na Rio críquete, no Paissandu, e no Rio team, nesses clubes ele conseguiu reunir alguns sócios para a prática do futebol, porém, devido as partidas acabaram quase sempre empatadas, tanto os jogadores quanto o público não se empolgaram (CUNHA, 1993).

O grande ponto de mudança para a popularização do futebol no Rio foi a partida entre brasileiros e ingleses, disputada em 1901. Neste mesmo ano, Oscar foi convidado por Charles para uma partida contra o clube Germânia, time de Hans Nobiling, a partida acabou em 1 x 1 e é considerada um marco para o intercâmbio entre paulistas e cariocas no desenvolvimento do futebol no Brasil (CUNHA,1993).

Em 1902, Oscar Cox fundou o seu próprio clube de futebol, o Fluminense Football Club. No primeiro jogo da história do clube, Oscar mandou imprimir centenas de convites escritos em inglês para membros da elite carioca, e, no banquete após o jogo, mandou brindes de honra para o presidente do Brasil, o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves e ao rei da Inglaterra Eduardo VII, a partida acabou 8 x 0 para o fluminense contra o Rio Cricket. (Cunha, 1993)

No ano seguinte, 1902, há relatos de que houve a realização do primeiro campeonato de clubes da história do futebol brasileiro, o campeonato paulista de 1902, vencido pelo São Paulo Athletic, time de Charles Miller. O torneio contou com a participação de cinco agremiações: São Paulo Athletic, Mackenzie, Paulistano, Germânia e o Internacional. Charles Miller foi o artilheiro da competição com dez gols (Cunha 1993).

Cunha(1993) aborda também que o primeiro jogo válido por uma competição no futebol brasileiro entre clubes aconteceu no dia 3 de maio de 1902. Frente a frente estiveram o clube Germânia e o Mackenzie, com vitória do segundo por 2 x 1. O jogo foi disputado no parque antártica, o primeiro gol da história de uma partida oficial do Brasil foi marcado por Mario Eppingaux, sendo este o primeiro evento formal da história do futebol no Brasil. Em 1902, houve outro fato importante para o crescimento do futebol no Brasil, a criação do primeiro estádio de futebol brasileiro, adaptado a partir do velódromo Paulistano, tendo se tornado palco de partidas memoráveis.

Em 1906 houve a primeira edição do campeonato carioca, que foi vencido pelo próprio fluminense, sendo assim, o futebol começou a ganhar corpo no Brasil e ser valorizado pela sociedade da época. (Cunha, 1993)

Caldas (1990) ressalta que mesmo já presente na nossa sociedade, o futebol ainda era uma prática pertencente as elites, primeiramente, porque era praticado em clubes fechados, frequentados por membros da alta sociedade; segundo, porque o material era escasso e tinha que mandar importar da Inglaterra. A popularização do futebol no Brasil começou por volta da década de 1910, quando clubes de origem operária começaram a surgir, como o Corinthians, em São Paulo e o Bangu, no Rio de Janeiro, o futebol passou e se popularizar entre pessoas de baixa renda, começando, assim, o futebol a virar o esporte mais popular do Brasil.

Mas o futebol teria mesmo só sido praticado a partir de Miller e Cox?

De acordo com Neto(2002), no período de 1860 a 1870, escolas jesuítas buscavam modalidades esportivas para adequar a grade curricular da Educação Física. A principal escola de destaque foi o colégio Jesuítico São Luís, que ficava na cidade de Itu, esta escola mandou seus embaixadores a colégios na França, onde o futebol já era praticado. Lá, os embaixadores tiveram contato com o padre Du Lac, grande defensor da inclusão do futebol nas escolas inglesa, neste contexto já há nuances da chegada do futebol ao Brasil. Porém, mesmo com esse precedente, não há registros nos textos clássicos sobre as escolas terem sido importantes na popularização do futebol.

Há relatos, ainda, de que já em 1890, no Pará, funcionários ingleses da empresa Amazon Steam Navigation Company Ltda., praticavam o futebol, assim como, as companhias de Gás e telefônica, tendo seus jogos realizados na praça Batista Campos.

Cunha (1993), destaca também que no ano de 1892, na cidade de Jundiaí, um funcionário da São Paulo Railway (empresa que Charles Miller trabalharia), introduziu o futebol como forma de passa tempo entre os funcionários ingleses e brasileiros.

Também no Rio de Janeiro, no ano de 1893, funcionários da empresa Leopoldina Railway e de vários bancos ingleses disputavam partidas de futebol no capinzal na rua Paissandu.

Em 23 de março de 1957, o jornal “Manchete” do Rio Grande do Sul, destacou que o Esporte Clube Rio Grande seria o berço do futebol e que seu fundador, o Mr. Artur Lawson seria o pai do futebol brasileiro. Segundo Cunha(1993) o jornal destaca que Lawson, assim com Charles Miller, lutou pelo crescimento do futebol no Brasil e encontrou dificuldades para introduzir o futebol aqui, segundo a matéria, as pessoas não compreendiam o fato de vinte e dois homens correrem atrás de uma bola com suas pernas cabeludas à vista.

Mesmo com tantos registros destacando personagens diversos, por que teria sido Charles Miller a receber o título de patrono?

Neto (2002), ressalta que Charles Miller tem o título de introdutor do futebol no Brasil, porque Miller trabalhou para a popularização do futebol, criando competições, ajudando na criação de novos clubes, e apitando jogos e administrando seu clube o São Paulo Athletic. Esses fatores fizeram Miller ganhar destaque na mídia nacional e ganhar a hegemonia na narrativa dessa história.

Charles William Miller morreu em 30 de junho de 1953, aos 79 anos deixando um legado que ficaria marcado na história recente do Brasil.

Netto (2002) ressalta que o trabalho tanto de Miller em São Paulo, quanto e de Cox no Rio, na promoção de jogos, incentivou a criação de novos clubes tendo sido a base para que o futebol ganhasse força no Brasil e virasse “paixão nacional”.

O futebol logo começou a se popularizar entre os membros da elite paulistana, e, com isso, o surgimento de novos times de futebol. Em 1898, estudantes do colégio Mackenzie fundaram o próprio time, a associação atlética do Mackenzie College, depois o Sport Club Internacional, um time formado em sua maioria por membros da comunidade alemã. Hans Nobiling, fundou, em 1899, o clube Germânia (CUNHA,1993).

Ainda segundo Cunha (1993), no dia 14 de dezembro de 1901, em São Paulo, se deu a criação da Liga Paulista de futebol, sendo esta a primeira instituição voltada para a regulamentação do futebol no Brasil. A Liga teve como seu primeiro presidente, Casimiro da Costa, que acabara de chegar da Suíça e estava disposto a oficializar o futebol no Brasil, uma vez que, na Argentina, por exemplo, já existia Federação de Futebol desde 1891 e já realizavam campeonatos. Para Casemiro era necessário haver uma liga que ajudasse na popularização do futebol através da realização de campeonatos.

2. SOBRE O FUTEBOL DE PERNAMBUCO: A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS TIMES

Este capítulo tem o objetivo de abordar momentos da história do futebol em Pernambuco, destacando os clubes do Recife, através de eventos, curiosidades e sujeitos que protagonizaram essa narrativa. Para isso trabalhamos com o livro *História do futebol em Pernambuco* do autor Givanildo Alves (1978), onde o autor descreve o a trajetória do futebol pernambucano até os anos de 1950, indo desde à introdução, criação dos clubes até a criação do primeiro campeonato.

Givanildo Alves nasceu em Rio Largo, Alagoas, em 23 de Abril de 1934, vindo morar em Recife com 9 anos de idade, começou a trabalhar com jornalismo em 1963, no jornal Última Hora, depois foi para o Diário Vespertino, onde era responsável pela coluna “Nos corredores da FPF”, no período de 1970 a 1980. Em 1984, foi para o Diário de Pernambuco, onde ficou responsável pela coluna “Contra-Ataque”. Após sua saída do Diário de Pernambuco atuou na Rádio Olinda, comentando sobre esportes no programa “Tribuna Tricolor”. Givanildo Alves faleceu no dia 4 de abril de 2000, aos 65 anos de idade vítima de um câncer.

Também foi usado como fonte de pesquisa para este capítulo a dissertação de mestrado *Recife entra em campo: história social do futebol no*

Recife (1905-1937) do autor Eduardo José Lima Silva (2013), que concluiu seu mestrado em História pela UFRPE, em 2013.

Para entender a chegada do futebol tanto no Brasil quanto em Pernambuco é necessário considerar que o futebol já era praticado aqui antes da chegada dos introdutores ditos oficiais. Charles Miller, por exemplo, tem o título de pai do futebol brasileiro devido ao fato dele procurar popularizar o futebol através de competições e criação de clubes. De acordo com Lima (2013), quando o futebol chegou em Pernambuco, a cidade do Recife passava por um processo de urbanização, saindo de uma economia meramente canavieira para um modelo de industrialização, sendo este o processo fundamental à modernização da cidade. Logo, o investimento no futebol em Pernambuco é fruto de uma cidade em modernização articulada à apropriação do futebol pelos mais ricos como mais uma forma de distinção social.

Devido ao alto número de ingleses no Recife, os costumes e o estilo de vida logo se introduziu no hábito de parte dos recifenses da época. Os jornais, por sua vez, costumavam publicar notícias sobre os times e campeonatos da Inglaterra e, aos poucos, o futebol passa a ser experimentado entre membros da classe trabalhadora e estudantes. Porém, mesmo o futebol sendo praticado aqui em Recife, em grande parte pelos imigrantes ingleses que organizavam partidas, entre eles em clubes fechados (tampouco organizavam competições), apenas em 1903 é destacado o ápice de seu desenvolvimento, a partir da chegada de um jovem chamado Guilherme de Aquino Fonseca, que estava retornando de seus estudos na Inglaterra. Segundo relatos, Guilherme foi um protagonista na popularização do futebol em Pernambuco.

O processo da introdução do futebol em Pernambuco não se difere muito em relação aos outros estados, sendo, em sua essência, trazido pela elite brasileira do final do século XIX e início do século XX:

A chegada do futebol a Pernambuco, em quase nada difere de outros estados do Brasil. No rio em São Paulo, por exemplo, o futebol foi trazido por membros da elite, que, para não perderem os costumes ingleses mandavam seus filhos para Inglaterra, em fins de 1903, um desses filhos de ingleses regressava a Pernambuco, seu nome era Guilherme de Aquino Fonseca. (ALVES, 1998, p. 29)

Guilherme de Aquino Fonseca, que era descendente de ingleses, foi estudar da Inglaterra com 13 anos de idade, no Hooton Lown School, na época era comum os pais de origem inglesa mandarem seus filhos para Inglaterra para não perderem os costumes ingleses. Lá, o futebol, além de outros esportes, já era uma realidade consolidada.

Encorajado pelo espírito esportivo dos estudantes do Hooton Lown School, onde havia passado cinco anos, Guilherme trouxe, na sua volta ao Recife, uma bola, meias, camisas e outros apetrechos para jogar de Cricket, rúgbi e tênis, pois sua ideia não era somente a de inocular no recifense o vírus do futebol, mas também fundar um clube. (ALVES, 1998, P. 29)

Mesmo com todo o material necessário, Guilherme de Aquino enfrentou dificuldades para investir no futebol em Pernambuco, isso porque os esportes mais populares eram o Remo e o Turfe, que não envolviam contato físico. No início, Guilherme de Aquino enfrentou muita dificuldade para implementar o futebol aqui no estado, primeiramente, ele procurou alguns colegas com que tinha estudado na Inglaterra, que se recusaram a ajudá-lo, sendo assim, ele procurou o Náutico, onde ele ouviu, de Bento Magalhães “que o futebol não era um esporte e sim uma troca de pontapés”. Guilherme não desanimou e procurou os ingleses que trabalhavam Great Western e na Western Telegraph, depois disso ele foi influenciando outros recifenses e em 13 de maio de 1905 foi fundado o Sport Clube do Recife.

A primeira partida de futebol em Pernambuco, aconteceu em 22 de junho de 1905, inicialmente a partida estava marcada para às 16 horas, na campina do Derby, onde Guilherme de Aquino conseguiu reunir onze jogadores para disputar uma partida amistosa contra o English Eleven, contudo, a partida só veio a iniciar uma hora depois, por causa da solenidade. A partida acabou em 2 x 2, um resultado considerado surpreendente, devido ao fato de os ingleses serem tidos como os “pais do futebol moderno”, o jogo teve cobertura do *Jornal do Recife*, que relatou desta forma a partida:

A prometedor associação Sport Clube do Recife realizou, ontem, no derby, o match a epigrafar estas linhas. Eram cinco horas da tarde quando começou a diversão, notando-se no local grande número de famílias. Desde o começo do match se notou logo serem os jogadores quer o Sport, quer do English Eleven da mesma força, começando o jogo pelo ataque do primeiro grupo aos do segundo. Muito bem defendido pelos goal-keepers e pelos beckers. Notamos falta de destreza por parte dos combatentes, sendo o resultado do match empate a decidir-se na futura pugna. Entre os do Sport distinguiram-se Amorim Colander e Torquato Gonçalves que fez esplendido gol de cabeça e entre os do English Eleven tornaram-se salientes Bradford e Mielar. Damos nossos parabéns ao futuro clube, desejando que o próximo jogo encontre melhores condições e não como a de ontem, cheio de lama, o que prejudicou a bela diversão. Durante a festa tocou uma banda de música da polícia. (Alves, 1978, P.34).

Mesmo com a criação Sport Clube do Recife, em 1905, e o primeiro jogo disputado no mesmo ano, o futebol não avançou muito nos 4 anos seguintes, isso por que os jogos no Recife eram coisa rara de acontecer, apenas Sport, Great Western e Western Telegraph (No caso, apenas o Sport era um clube voltado para a prática esportiva, enquanto Great Western e Western Telegraph eram empresas de ferrovia e de telefonia, cujos os fundiários, na maioria ingleses, viam o futebol apenas como diversão e não como esporte) quando aconteciam era mais pelo encontro social do que esportivo, pois depois de cada partida, geralmente, os jogadores iam para um *buffet*, comemorar o resultado da partida seja ele qual fosse (ALVES, 1978).

Por outro lado, instituições como Náutico e Internacional resistiam ao novo esporte, enquanto boa parte da população não tinha acesso ao material necessário para a prática do futebol. Entretanto, por volta da década de 1910, o futebol foi se popularizando em Recife e novas agremiações surgiram, como o Santa Cruz e o Joao de Barros (América), o Náutico, mesmo como resistências internas, aderiu ao futebol em 1909 (ALVES, 1978).

3.1 Aspectos do desenvolvimento do futebol em Pernambuco

De acordo com Alves (1978), no dia 16 de junho de 1915, foi criada a liga esportiva pernambucana, que tinha como principal objetivo organizar e desenvolver o futebol no Recife, a reunião foi marcada por Aristheu Accioly Lins, em sua residência, na avenida João de Barros. No dia 7 de julho foi feita a primeira eleição da liga, tendo Alcebíades Braga como o primeiro presidente. Para participar deste grupo os clubes tinham que pagar a mensalidade de 10 mil reis e 50 em joias.

O Presidente eleito, Alcebíades Braga, teve um mandato muito curto e recusou a prestar contas após um jogo amistoso organizado pela liga. Após ser pressionado, no dia 18 de setembro de 1915, Braga renunciou ao cargo, a liga, no mesmo dia, realizou uma nova eleição, tendo como novo presidente eleito o tenente Henrique da Silva Jacques.

Outro fator de extrema importância para o desenvolvimento do futebol em Pernambuco foi a visita de Belfort Duarte. Alves (1978) ressalta que Duarte era presidente da comissão de esportes do Rio de Janeiro, era muito respeitado, inclusive, por ser introdutor do cumprimento entre os jogadores. No ano de 1945, o conselho nacional de desportos fez dele patrono da maior honraria do desporto nacional: o prêmio Belfort Duarte, dado aos atletas por boa disciplina. Belfort Duarte também promoveu uma série de amistosos caracterizando os primeiros jogos interestaduais em Pernambuco, com participação do América do Rio de Janeiro. Por ser mais experiente, o time carioca, que fez 4 partidas em solo

pernambucano, venceu todos os duelos que disputou, sendo o primeiro contra o *scratch anglo-pernambucano* (time formado por 6 ingleses e 5 pernambucanos).

Ainda no ano de 1915, a liga esportiva promoveu o primeiro campeonato Pernambucano. Nesta primeira edição tivemos a presença de seis clubes: o Santa Cruz, Torre, Joao de Barros (atual América), Coligação Esportiva Recifense e o Flamengo. O primeiro jogo da história do campeonato pernambucano foi entre Santa Cruz X Coligação Esportiva Recifense, onde tivemos vitória do time tricolor por 1 x 0, gol de Mario Borges (ALVES, 1978).

Terminado o primeiro turno, Santa Cruz, Torre e Flamengo estavam empatados na tabela, por isso, o presidente da liga, o Tenente Henrique Jacques, decidiu que o campeonato deveria ser decidido em partidas extras, que foram realizadas no *British Club* e não na campina do Derby, como era de costume, além da cobrança de ingressos. Essas mudanças geraram revolta aos torcedores, porém, não abalaram o presidente da liga, que manteve as condições impostas.

Apesar da insatisfação, a torcida do Santa Cruz apareceu em peso no dia 28 de novembro de 1915, para ver o tricolor golear o Torre por 5 x 0. Em 5 de dezembro de 1915, o Santa voltou ao campo para enfrentar o Flamengo, mesmo favorito, os meninos do Santa sucumbiram diante da força do Flamengo por 6 x 2. Apenas o *Jornal Pequeno* cobriu o jogo final, entre Flamengo x Torre; a vitória por 3 x 1 deu o título aos alvinegros, que teve seu nome dado pelos sócios em homenagem ao Flamengo do Rio de Janeiro (por que o Flamengo havia sido campeão carioca). Este foi o único título pernambucano do Flamengo, que acabou extinto, no ano de 1940, após sucessivas crises (ALVES, 1978).

Em 1917, a liga esportiva decidiu que deveria ter o próprio campo para a realização de jogos, o local escolhido foi o campo dos Aflitos (na época não pertencente ao Náutico), que media 106 metros de comprimento por 40 de largura. Para inauguração foi convidado o clube do Remo, maior time da região Norte, na época, que chegou no dia 9 de março a bordo do navio Sérvulo Dourado e recebido pela banda de música do 49º batalhão.

A vinda do clube paraense a Pernambuco foi para disputar a *taça do centenário* (referente ao centenário da revolução pernambucana de 1817), no primeiro jogo, o Remo venceu um combinado (combinado no futebol, é a junção

de dois ou mais times formados para disputa de jogo festivo ou amistoso) de Pernambuco por 4 x 2, depois derrotou novamente o combinado pernambucano por 3 x 2, venceu o América por 2 a 0 e por fim empatou em 0 a 0 com o Paulista (ALVES, 1978).

Em outubro de 1917, a liga, junto com Náutico e América, promoveram a vinda do Palmeiras (não o atual Palmeiras) de São Paulo a Recife, sendo o primeiro clube paulista a vir para o Nordeste. Os ingressos para as partidas foram vendidos com uma semana de antecedência, no valor de 7 mil reis, válido para os 4 jogos do time paulista. Devido a um desentendimento entre as diretorias do Náutico, América e a Liga (que queria 20% da renda de todos os jogos no campo dos Afritos), os jogos ocorreram no campo do British Club, o Palmeiras acabou derrotando o Náutico por 10 x 0, o América por 5 x 2, e, em um jogo duro, derrotou a seleção pernambucana (composta por jogadores de Sport, Santa Cruz e América) por 1 x 0; por fim derrotou o Sport por 6 x 2.

Como vemos diariamente, o futebol não se constitui apenas de jogos, mas também de torcedores, financiadores e jogadores, algumas vezes, de jogadores notáveis. Em Pernambuco, o primeiro grande ídolo ficou a cargo de Alcino Wanderley, ou simplesmente Pitota.

Pitota foi um importante jogador do início da trajetória do Santa Cruz, presença constante nas listas de melhores jogadores e era figura carimbada na seleção pernambucana. Foi o principal jogador do Santa Cruz na conquista dos primeiros títulos do clube, e em jogos amistosos que o Santa Cruz fazia, dentro ou fora de Pernambuco, os Jornais da época destacavam sua habilidade, sua leveza e o fino trato com a bola, sendo constantemente cobiçado pelo Sport. Ao todo, Pitota fez 81 jogos com a camisa tricolor, entre torneios oficiais e amistosos, no período de 1914 a 1917. Sendo o recordista de gols em Pernambuco nos anos de 1916 e 1917 (ALVES, 1978).

Em 1919, o Sport trouxe mais uma novidade para o desenvolvimento do futebol aqui estado, o clube rubro-negro adquiriu, comprando do Fluminense, um lance de arquibancada por 8 mil e 500 contos de reis, o jornal *Matutino* detalhou como foi feita a compra da seguinte maneira:

Dois clubes, um do Rio e outro de São Paulo, trabalharam a fim de adquiri-la; o primeiro ofereceu 10 contos, sendo 5 a vista e os restantes em parcelas mensais; o segundo 12 contos, sendo 1 conto mensalmente. O sport ofereceu 8 mil e 500 contos, a vista, e foi aceito (Alves, 1978, p. 93).

Para a inauguração da arquibancada, o Sport acertou a vinda do Botafogo do Rio de Janeiro para realizar uma série de amistosos em Recife.

Ainda em 1919, a liga decidiu criar o torneio que teve sua primeira edição na tarde do dia 6 de abril de 1919, no campo dos Aflitos, contando com a participação de Náutico, Sport, Santa Cruz, América, Torre e Flamengo. O regulamento da competição previa que as partidas teriam 2 tempos de 20 minutos, sem intervalo, e em caso de empate teria em prorrogação de mais 10 minutos, caso não houvesse gol ao final da partida, o vencedor sairia pelo maior número de *Corner* (escanteio), as partidas eram de caráter eliminatório. O Santa Cruz foi o campeão ao vencer o Náutico por 1 x 0, como destacado pelo *Diário de Pernambuco*:

O náutico no segundo half time bombardeou o posto de Ilo. Até os backs alvirrubros vieram atacar. Todos os esforços foram baldados, não conseguindo o náutico um gol, apesar dos dois corners que tinha a seu favor (Alves, 1978, p. 98).

No dia 23 setembro de 1923 houve mais um marco na história do futebol pernambucano, a estreia da seleção pernambucana no *campeonato nacional de seleções estaduais*, diante a seleção do Pará. De acordo com a imprensa da época, este bateu recorde de público e renda; segundo o jornal *Diário de Pernambuco* o público presente foi de 5 mil torcedores, gerando renda de 16 contos de reis. Tanto a torcida quanto a mídia esportiva estavam empolgadas com o jogo, até o governador de Pernambuco, Sergio Loreto e o Prefeito do Recife Antônio de Góes, estavam presentes na tribuna de honra. Porém, a partida não acabou bem para os pernambucanos que perderam por 2 x 0, sendo eliminados precocemente da competição. Um ano depois Pernambuco estava de volta a disputa do mesmo certame, enfrente novamente a seleção paraense, porém, com final diferente, a seleção pernambucana venceu por 2 x 1 e se classificou

para final da etapa norte-nordeste, para enfrentar a seleção da Bahia, em Salvador. No Recife, houve grande empolgação por parte do público geral, nesta partida, que fez com que o *Diário de Pernambuco* organizasse um serviço especial de informações, algo até então inédito, sendo esta a primeira transmissão de um jogo de futebol em Pernambuco.

No dia 30 de dezembro de 1924, aproximadamente 2 mil pessoas estiveram na popularmente conhecida *Praça do Diário* para acompanhar a transmissão. Para conseguir tal feito, o *Jornal Diário de Pernambuco* instalou um alto-falante de marca *Gaumont*, o melhor da América do Sul na época. Este serviço especial consistia em informações sobre o feito transmitidas a cada 3 minutos via ligação telefônica. No mais, a empolgação da torcida não adiantou muito, a partida acabou em 7 x 2 para os baianos que avançaram para enfrentar a seleção do Rio de Janeiro.

Refletindo sobre estas curiosidades e pensando como elas podem chegar até as problematizações sobre a história do futebol em Pernambuco, a partir de uma abordagem pedagógica, vale destacar, ainda, elementos sobre a constituição dos três maiores times pernambucanos.

3.2 O Sport e seu ineditismo

Antes de falar sobre o início da trajetória do Sport Clube do Recife, precisamos esclarecer que, apesar de o Clube Náutico Capibaribe ter surgido antes, o Sport é o primeiro clube de Pernambuco dedicado ao futebol, em 1905, enquanto o Náutico só aderiu ao futebol em 1909, por este motivo, começaremos falando do Sport.

O Sport Club do Recife foi fundado em 13 de maio de 1905, por Guilherme de Aquino e seus amigos, no salão da Associação dos Empregados do Comércio do Recife, que cedeu o espaço para a primeira reunião de formação, e teve como primeiro presidente Elysio Aberto Siqueira, eleito pelos membros que assinaram a ata de fundação.

A primeira partida do Sport ocorreu no dia 22 de junho de 1905, diante do *English Elevem*, a partida foi registrada por Alves em sua obra:

O *Jornal Diário de Pernambuco*, de 22 de junho de 1905, estampou em suas páginas o feito, que dizia: "*Esteve bastante concorrida a festa de inauguração deste Club, comparecendo crescido número de senhoritas e cavalheiros. Constatou o festival de uma partida de football em que tomaram parte sócios do Sport Club e do English Eleven. A partida foi bem jogada de ambas as partes, havendo um empate. Felicitamos a diretoria do Sport Club pela vitória alcançada, pois sendo uma sociedade nova, não se deixou vencer pelo English Eleven*". Nesta partida histórica, o Sport formou com: L. F. Lathan; L. Parrot e E. Nosworthy; A. G. Silva, Colander e Ramiro; Guilherme Fonseca, Coimbra, Alberto Amorim, J. Gonçalves e Torquatro Gonçalves. Para surpresa de muitos, a partida acabou em 2 a 2, pois o time inglês era mais experiente que os rubro-negros. (Alves, 1978, p. 35).

De acordo com Alves (1978), devido a um problema de relacionamento, o Sport não se associou a Liga em 1915, portanto, não disputou a primeira edição do campeonato pernambucano, participando a partir de 1916. Este campeonato foi disputado em dois grupos, o Sport foi o vencedor do grupo B e o Santa Cruz vencedor do Grupo A; na partida final, o Sport venceu o Santa Cruz por 4 x 1, levando seu primeiro título pernambucano.

Um fato que marcou esta final foi o Sport ter contratado o zagueiro Paulinho, vindo do América – RJ, sendo assim a primeira contratação interestadual da história do futebol pernambucano. Na época, para disputar uma partida do campeonato pernambucano, o jogador precisava estar associado um clube, como Paulinho se associou ao Sport dois meses antes da final contra o Santa Cruz, estava apto a jogar.

Na semana que precedeu ao clássico, os jornais registraram a presença no Recife do Zagueiro Paulinho, do América-RJ, trazido pelo Sport para reforçar o seu time na partida decisiva. Toda a imprensa criticou o clube rubro negro, embora legalmente nada impedisse a participação de Paulinho, que se construirá numa das grandes atrações do clube carioca, quando da sua temporada no Recife, em novembro de 1915. (Alves, 1978, P.65).

A imprensa pernambucana da época fez críticas ao Sport por trazer jogador de fora pelo motivo, que segundo imprensa, os times deveriam entrar

em campo apenas com jogadores daqui do estado, como defendeu o Diário de Pernambuco.

O clube rubro negro, conceituado como é no seio da nossa sociedade, poderia se colocar em outra posição pela qual só lhe poderiam advir novas simpatias e melhores conceitos (Alves, 1978, p,66).

Coube ao Sport, também, a primeira contratação internacional da história do futebol pernambucano, o atacante Pedro Mazullo, no ano de 1918.

Apesar dos protestos, o Sport não parou com as importações. O desejo pelo tricampeonato levaria o clube rubro negro a uma das mais audaciosas aventuras em matéria de importação de jogadores. O tri era uma questão de honra. Carlos Médici, responsável pelo setor de futebol, acionou mais uma vez o seu irmão José Médici, residente no Rio de Janeiro, cursando medicina, para arranjar jogadores. Como no Rio e em São Paulo não havia nenhum jogador disponível, José conseguiu, com suas boas relações de amizade mandar buscar no Uruguai o atacante Pedro Mazullo. (Alves, 1978, p.65).

No ano de 1919, o Sport foi convidado para disputar um torneio no estado do Pará e lá realizou cinco jogos (ganhou dois, perdeu dois e empatou um), sendo esta a primeira excursão de um time de futebol de Pernambuco. No seu retorno, o Sport foi recebido com festa em Recife.

Assim que o Rio Negro atracou, em 14 de abril, trazendo de volta o time do Sport, foi um delírio no Cais do Porto. No portaló do vapor, vaidoso e sorridente, Hybernon Wanderley levantava enorme e rico troféu, denominado leão do norte, conquistado na partida contra a seleção do Pará (Alves, 1978, p.95).

Após estudar sobre a história do Sport Clube do Recife, destaco o pioneirismo do sport em acreditar que o futebol poderia desenvolver em Pernambuco, também destaco a ambição que o sport mostrou ao longo de sua

história, sempre procurando sair da margem comum, sempre inovando aqui no estado, e procurando promover o futebol mesmo quando poucos o conheciam, por fim, termino esta parte do trabalho destacando a frase que resume o Sport:

O Sport será um autêntico campeão, pois nasceu sob o signo da valentia e dele jamais se apartará. (Guilherme de Aquino, 1905)

3.3 Náutico, das águas ao campo

De acordo com Alves (1978) o Clube Náutico Capibaribe foi fundado no dia 07 de Abril de 1901, porém, a história do Náutico não começou nesta data. A origem do Náutico está ligada a um clube de remo chamado Recreio Fluvial. Após a saída de alguns sócios do antigo Recreio Fluvial, outros sócios, preocupados com o fim do clube, refundaram o mesmo com um novo nome:

O clube estava trilhando uma fase de grande desenvolvimento, quando rebentou uma grande crise entre seus associados, levando o clube a quase extinção. Entre os que amavam o Náutico, não desejando velo desaparecer, estavam Bento Magalhaes, Herman Ledebour, Joao Victor da Cruz Alfarrá e outros permanentes do Recreio Fluvial. Assim em 07 de Abril de 1901 nasce o Clube Náutico Capibaribe. (Alves, 1978, p.36).

A primeira diretoria foi formada com Joao Victor da Cruz Alfarrá, primeiro presidente da história do clube alvirrubro, como destacado por Alves (1978, p. 37):

Sua primeira diretoria ficou assim: Presidente: Joao Victor da Cruz Alfarrá; vice: A. Ommundsen; Primeiro secretário: Piragibe Haghissé; Segundo secretário: Herman Ledebour; Tesoureiro: Osvaldo Gusmão; Orador: Rodolfo

Lima e Diretor de Regatas: Antônio Dias Ferreira (Alves, 1978 P. 37).

Todavia, neste período, o Náutico era um clube com maior identidade nas atividades aquáticas, apenas em 1909 ao aderiu ao futebol. Mesmo um clube voltado para o remo, o Náutico tinha um grupo de ingleses que treinavam futebol na campina do Derby, sendo assim, vários sócios do clube começaram a defender a prática do futebol dentro do Náutico, até por que os jornais da época na noticiavam que os rapazes do Náutico estavam treinando futebol com os do Sport, sendo assim, Ernesto Pereira Carneiro, então presidente do Náutico, convocou uma assembleia ,no dia 24 de julho de 1909, para consultar os sócios sobre a adesão ao futebol, a decisão foi unanime, assim, o Náutico nasceu para o futebol.

Para comandar o departamento de futebol do Náutico, foi incumbido Camilo Pereira Carneiro, irmão do presidente. A primeira partida de futebol da história do Náutico foi no mesmo dia da fundação do departamento de futebol, e foi justamente contra o Sport, no British Club, no dia 24 de julho de 1909 o Náutico venceu da forma surpreendente por 3 x 1.

Não havia quem dissesse que o experiente time do Sport perdesse a partida, mais perdeu por 3 a 1, numa tarde em que tudo deu errado para os jogadores rubro negros. Os forwards do Sport Club ontem estavam infelizes nos seus passes, dando isso Motivo a que a bola sempre caísse em poder dos half-backes do Náutico, comentou o jornal pequeno, acrescentando ainda que há muito no Recife não tínhamos o prazer de assistir a uma festa tão concorrida e que pela sua própria natureza entusiasmou tanto os espectadores. Decididamente, o futebol é um grande diplomata! (Alves, 1978, p.37)

Mesmo aderindo ao futebol em 1909, o Náutico só investiu no profissionalismo na década de 1930, tendo, no ano de 1934, conquistado seu primeiro título pernambucano, ganhando do Sport por 8 x 1, e do Santa Cruz por

2 x 1 em uma triangular final. Em 1936, o Náutico arrematou o terreno onde era o campo dos Aflitos (onde o Náutico já jogava), e o transformou no estádio Eládio de Barros Carvalho, popularmente conhecido como estádio dos Aflitos.

Em relação ao Clube Náutico Capibaribe, eu destaco, primeiramente, a valentia daqueles que não desistiram do clube em um momento difícil, após a extinção do Recreio Fluvial. Ou fator importante na história do clube, é o insucesso causado por colocar o futebol em segundo plano, pois em sua matriz histórica, o Náutico fundado por membros da elite dispostos a pratica do remo. Porém, mesmo com resistência internas o náutico sempre foi um clube capaz de se adaptar.

3.4 O Santa Cruz e seus feitos históricos

O Santa Cruz foi fundado no dia 3 de fevereiro de 1914, por um grupo de jovens que estava atento à popularização do futebol no Recife e se reunia, constantemente, no pátio da Igreja de Santa Cruz, bairro da Boa Vista, por essa razão o nome do time.

De acordo com Alves (1978) estiverem presente na primeira reunião as seguintes pessoas: Quintino Miranda Paes Barreto, José Luiz Vieira, José Glycéro Bonfim, Abelardo Costa, Augusto Franklin Ramos, Orlando Elias dos Santos, Alexandre Carvalho, Oswaldo dos Santos Ramos, Luiz de Gonzaga Barbalho Uchôa, Augusto Dornelas Câmara.

A primeira formação da diretoria teve José Luiz Vieira como primeiro presidente da história do clube, sendo a formação da diretoria assim destacada Alves (1978):

Presidente – José Luiz Vieira; Vice – Quirino Miranda Paes Barreto; Primeiro Secretário – Luiz Gonzaga Uchôa Barbalho; Segundo Secretário – Augusto Dornelas

Câmara; Tesoureiro – Augusto Franklin Ramos e Diretor de Esportes Orlando Dias dos Santos. (Alves, 1978, p. 49).

O primeiro jogo da história do Santa Cruz foi diante o time do Rio Negro. Um amistoso que foi disputado na campina do Derby e acabou com a vitória do Santa Cruz por 7 x 0, tendo sido Carlos Machado o grande protagonista da partida marcando cinco gols, inclusive o primeiro gol da história do Santa. A vergonhosa derrota do time do Rio Negro fez com que o time solicitasse revanche ao Santa Cruz e ainda exigiu que Carlos Machado não jogasse, a revanche e a exigência foram aceitas. Carlos não jogou e, mesmo assim, o Santa aplicou uma goleada ainda maior: 9 x 0.

Em um jogo válido pelo campeonato pernambucano de 1917, o Santa Cruz protagonizou um feito histórico, após estar perdendo por 5 x 1 para o América, o time tricolor foi valente e virou o placar da partida.

Em 15 de abril de 1917, o Santa Cruz chegou a estar perdendo do América de Recife, no Estádio dos Aflitos, por 5 x 1. E acabou virando, em quinze minutos, para 7 x 5. Três gols foram marcados pelo atacante Tiano, apelido de martiano Fernandes, médico e ex-senador pelo Estado de Pernambuco. Sendo está a maior virada da história do futebol no Brasil. (Alves, 1978, p.73).

Dois anos após este feito o Santa Cruz conseguiu outra façanha memorável, se tornou o primeiro clube do eixo norte-nordeste a vencer um clube do eixo sul-sudeste, em 30 de Janeiro de 1919, no campo da avenida Malaquias o tradicional Botafogo sentiu a força do tricolor pernambucano.

Em 1919, o Tricolor pernambucano conseguiu um feito histórico para o estado de Pernambuco e regiões Norte e Nordeste. O clube se tornou o primeiro time a vencer uma equipe do Sudeste, quando bateu o Botafogo/RJ por 3 a 2 no dia 30 de janeiro, dois gols do atacante Tiano. (Alves, 1978, P.90).

Escrever sobre o Santa Cruz me fez ver como este clube foi fundamental na popularização do futebol em Pernambuco, primeiro, que, diferente de Náutico e Sport, o Santa Cruz nasceu já nasceu com a paixão pelo futebol, segundo, o Santa Cruz foi um clube que sempre aceitou membros que não eram da elite. O Santa Cruz foi responsável por formar o primeiro grande ídolo do futebol pernambucano(Pitota), também foi responsável por grandes feitos que fizeram o Santa Cruz um time grande.

3. O PASSE DA HISTORIA DO FUTEBOL PERNAMBUCANO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

A história de Educação Física passou por vários marcos legais, através de decretos e recomendações formais para sua presença na educação básica. Não há como negar que o que conhecemos hoje como Educação Física é o desdobramento, cheio de continuidades e descontinuidades, de uma disciplina normativa que teve na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) um espaço importante ao torna-la obrigatória na escola.

Logo, a Educação Física é um componente curricular que tem como responsabilidade problematizar sistematicamente e pedagogicamente os conhecimentos da cultura corporal organizados nos seguintes conteúdos: Ginástica, Dança, Jogo, Esporte e Luta.

Ou seja, a Cultura Corporal está relacionada a tudo aquilo que o ser humano produziu e acumulou no decorrer dos tempos, a partir da linguagem corporal e do movimento humano e sistematizou através de expressões como a dança, esporte, jogo, ginastica e a luta. Essas linguagens corporais apresentam regularidades em sua forma de expressar como prática social, mas também tem sua especificidade e particularidade cultural. Portanto, a Educação Física compreende os vários conhecimentos já produzidos utilizados pela sociedade através do corpo e do movimento (Soares et.al, 1992).

De acordo com Medina (1987), a Educação Física deve respeitar a historicidade dos conhecimentos e deve garantir condições suficientes para que os(as) estudantes possam viver as dimensões intelectual, sensorial, afetiva, gestual e expressiva, estabelecendo nexos com a realidade, elevando a consciência coletiva a níveis mais altos.

O esporte é um dos conhecimentos que precisa ser abordado dentro do processo de ensino e aprendizagem da Educação Física. Permeado ao esporte é possível trabalhar várias modalidades individuais e coletivas, dentre elas o futebol. Contudo, para que esses assuntos sejam tratados de forma crítica e progressista é necessário compreendermos que há uma hegemonia do esporte em detrimento de outros temas curriculares da Educação Física.

Dialogamos com Betti (1991), a fim de tentar entender essa hegemonia, ao destacar que há dois fatores importantes na chegada do esporte ao Brasil. O primeiro, a partir de brasileiros filhos estrangeiros que foram estudar na Europa (como Charles Miller, por exemplo), e, também, por estrangeiros que já viviam aqui no Brasil e praticavam os esportes em clubes fechados

De acordo com Ferreira (2006), o processo de urbanização e industrialização no Brasil também são fatores relevantes para a inclusão deste conteúdo nas escolas, após a segunda metade do século XX. Assim como o período de ditadura civil militar que tinha nos esportes uma ferramenta de dispersão política entre estudantes universitários, por exemplo. Governos brasileiros alimentaram o fator simbólico dos esportes como orgulho da nação e patriotismo, através de seus craques e ídolos. As aulas de educação física facilmente foram confundidas com aulas de esporte, professores com treinadores, estudantes com atletas e para as aulas de Educação Física, quando havia espaço, uma quadra poliesportiva era suficiente (Oliveira, 2004).

De acordo com Silva e Campos(2014) durante toda sua trajetória como disciplina escolar, a educação física sofreu influências, principalmente, do discurso médico e militar, sendo usado como aparelho ideológico do Estado para o desenvolvimento da capacidade física e de formação para o trabalho. Assim, construiu-se a ideia de que a sua prática pedagógica deveria ser realizada por

meio de atividades físicas, nas quadras das escolas, de maneira a garantir habilidades físicas aos alunos no que diz respeito ao aspecto motor básico de cada faixa etária, gerando boa articulação cognitiva. Nesta compreensão, não havia uma preocupação sobre a discussão política, social e histórica em relação a conteúdo ensinado, mas sim, sobre a melhor técnica corporal para a execução dos movimentos. No que tange ao objeto de ensino, a ação limitava-se às atividades físico-esportivas e recreativas.

Dentre as modalidades esportivas, o futebol tinha um destaque especial, o que ficou ainda mais acentuado após o campeonato mundial, quando o Brasil ganhou pela terceira vez, em 1970.

Segundo Rottmann (2016), após o desenvolvimento do futebol no Brasil este passou a ser conteúdo de destaque na Educação Física escolar, sendo mais valorizado principalmente no ensino fundamental e médio. Silva (2014) afirma que o futebol é comumente aceito e vivenciado nas aulas de Educação Física, pois está amplamente carregado de sentidos e significados culturais que são facilmente identificados dentro da escola.

Outro fator para entendermos a hegemonia do futebol nas aulas de Educação Física é a questão midiática, para Cardoso(2003), a mídia é um dos principais criadores desta hegemonia, atletas de futebol ganham fama, viram mercadoria, sendo assim, faz com que se imponha um esporte do ponto vista da saúde fazendo o aluno sonhar em ser jogador sem buscar o lado negativo do futebol competitivo.

De acordo com Silva e Campos(2014) o futebol, na perspectiva da Educação Física escolar, é tratado na maioria das vezes de forma reduzida, sendo abordada apenas em seu aspecto prático, sendo excluída as reflexões teóricas sobre o saber fazer corporal ou sobre as referidas conexões sociais que permite a vivência social. Daolio(1997) afirma que:

Trabalhar com uma prática esportiva nas aulas de educação física é muito mais do que o ensino das regras, técnicas e táticas. É necessário, acima de tudo, contextualizar essa prática na realidade sociocultural em que ela se encontra.

Para Correa(2009) a corrente crítico-superadora busca compreender o futebol de forma a problematizar sua historicidade, através de quem está por traz das quatro linhas mostrando vários aspectos que buscam o futebol, abrindo assim, um espaço crítico para compreensão deste esporte.

Sendo assim, no eixo pedagógico, ensinar e aprender sobre o futebol nas aulas de Educação Física é também acessar a história, as características culturais e as disputas econômicas e políticas do país e de seus estados.

Para este trabalho, investimos na compreensão das narrativas sobre a história do futebol, a fim de traduzir essas informações, de forma didática, para provocações em possíveis aulas de Educação Física, no intuito de indicar que é possível trabalhar esporte e, neste caso, o futebol para além de sua dimensão mecânica e operacional. Para que a Educação Física consiga contribuir em um processo de transformação da realidade, é indispensável compreender que as práticas sociais como o futebol são permeadas de dimensões históricas e culturais que não devem ser negadas dentro uma aula.

Então, como trabalhar a história do futebol na escola?

Ao participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em 2014, trabalhei na escola de referência em ensino médio Ginásio Pernambucano, tive a experiência de participar, junto ao bolsista de História, Luiz Otavio, de uma aula de história sobre a ditadura militar e a copa de 1970. Nesta aula, abordamos aspectos de como o futebol se tornou popular no Brasil, como ele foi usado por outras ditaduras (como nazismo e fascismo) até chegar em como os militares usaram a vitória do Brasil na copa de 1970 a seu favor. No ano de 2015, pude ofertar uma disciplina eletiva, ou clube. A ideia destes clubes eram abordar temas transversais dentro da sala de aula, sempre contextualizando temas que não são explorados em aulas normais, foi assim que tive a oportunidade ofertar um clube sobre história do futebol para meninos do 1º ano do ensino médio. Nesta experiência, costumava perguntar aos(às) estudantes o que sabiam sobre a história do futebol e sua chegada ao Brasil. Tal situação foi um recorte da realidade que me fez pensar sobre a restrição de conhecimentos e o quanto essas explicações e informações são secundarizadas no decorrer da formação dentro da educação básica.

Se gosta muito de futebol no Brasil, mas se sabe muito pouco sobre ele e sobre a história de uma forma geral. Por isso se faz necessário valorizar algo caro à Educação Física que é sua capacidade de ser interdisciplinar.

Partindo desta perspectiva, levanta-se a imprescindível presença da historicidade no ensino, pois "é preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando..., jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas". Assim "o conhecimento é tratado de forma a ser retraçado desde sua origem...", mostrando que "a produção humana é histórica, inesgotável e provisória" (Sores,1992)

Com esta preocupação, pensamos em como transpor para aulas de Educação Física um recorte da história do futebol pernambucano através de curiosidades de um personagem dessa história chamado Guilherme de Aquino

4.1 A importância de Guilherme de Aquino e a formação dos 3 principais clubes do estado de Pernambuco

Os textos abaixo foram elaborados em forma de crônica que, de acordo com a professora da UNESP Daniela Diana (2018), este gênero textual é marcado por relatar fatos ou acontecimentos históricos, com personagens, tempo e espaços definidos, aproximando-se de uma crônica narrativa.

Estas crônicas sobre Guilherme de Aquino e sobre os 3 principais times de Pernambuco são um ensaio sobre como poderíamos iniciar uma discussão sobre história do futebol em uma aula de Educação Física no ensino fundamental II ou ensino médio. Pensamos que trabalhar gêneros textuais como contos, crônicas, matérias de jornais ou até elaboração de quadrinhos pode estabelecer diálogos interessantes com outros componentes curriculares como a língua portuguesa e a literatura, além, desse caso, estabelecer uma relação estreita com a história.

Pensando em uma sequência didática, estas crônicas poderiam ser trabalhadas em aulas iniciais para sensibilizar sobre uma primeira aproximação acerca de um conteúdo sistematizado sobre o futebol, sublinhando sua

peculiaridade cultural, seus personagens e curiosidades. Isso não esgotaria o assunto pois há dimensões técnicas, táticas, cognitivas e motoras que também devem ser consideradas ao se explorar o futebol como uma das modalidades esportivas presentes na escola. Dessa forma é importante atentar para o tempo pedagogicamente necessário para se trabalhar o processo de ensino e aprendizagem de cada assunto, conhecimento, conteúdo.

As crônicas abaixo, portanto, é um texto didático que apresentamos como forma de exercício sobre a utilidade e aplicabilidade dos conhecimentos históricos que acompanham a cultura corporal, em especial, o futebol.

GUILHERME: O FASCÍNIO QUE O FEZ

Por André Silva



No início do século XX, desembarcava no porto do Recife um jovem rapaz chamado Guilherme de Aquino, vindo da Inglaterra, onde ficou fascinado por um jogo de bola chamado na época de Football Association e decidiu investir em sua divulgação e desenvolvimento.

Durante sua trajetória, Guilherme de Aquino enfrentou algumas dificuldades, pois poucos conheciam este jogo, e os que conheciam, não se envolveram em ajudar Guilherme, que continuou insistindo em introduzir a prática em clubes da capital pernambucana, como o Náutico e Internacional, mesmo se deparando com constantes negativas.

Entusiasta, Guilherme não desistiu, procurando ajuda de ingleses que trabalhavam na companhia telefônica e na estação ferroviária, convidando-os para jogar quintais de sua casa. O gosto pelo Football Association foi crescendo a ponto do jovem Guilherme não para de investir e conseguir novas articulações chegando ao ponto de fundar o seu próprio clube, o Sport Clube do Recife.

No dia 22 de julho de 1905, houve o primeiro jogo oficial de futebol em Pernambuco, na Campina do Derby. A partida foi disputada e acabou em um emocionante 2 x 2, entre Sport e English Eleven.

Com o passar do tempo, novas agremiações surgiram e mais campeonatos começaram a ser disputados. Muito do que hoje se fala sobre a história do futebol de Pernambuco é reponsabilidade de Guilherme de Aquino, mas, principalmente, de inúmeras outras personagens que ainda não receberam os louros e a visibilidade da história do futebol.

O que você conhece sobre a história do futebol pernambucano?

A origem do trio de ferro

Por André Silva



No início do século XX, o futebol foi trazido para Pernambuco por um jovem rapaz chamado Guilherme de Aquino, com o passar dos anos, o futebol foi se tornando popular entre os pernambucanos e neste contexto três clubes da capital conseguiram maior destaque, sendo eles: Sport, Náutico, Santa Cruz. Neste texto, vamos explorar um pouco sobre a origem de cada um dos 3.

O Sport Club do Recife foi fundado em 13 de maio de 1905, por Guilherme de Aquino e seus amigos, no salão da Associação dos Empregados do Comércio do Recife, e teve como primeiro presidente Elysio Aberto Siqueira, eleito pelos membros que assinaram a ata de fundação. O primeiro jogo da história do Sport, foi contra o English Eleven, time formado por jogadores ingleses, no dia 22 de junho de 1905, a partida acabou em um emocionante 2 x 2. Em 1916, o Sport ganhou o seu primeiro título, o campeonato pernambucano, ao vencer o Santa Cruz por 4 a 1 na grande final, dando assim início a sua gloriosa trajetória.

O Clube Náutico Capibaribe foi fundado no dia 07 de Abril de 1901, porém, a história do Náutico não começou nesta data. A origem do Náutico está ligada a um clube de remo chamado Recreio Fluvial. Após a saída de alguns sócios do antigo Recreio Fluvial, outros sócios, preocupados com o fim do clube, refundaram o mesmo com o nome de Clube Náutico Capibaribe. A primeira diretoria foi formada com Joao Victor da Cruz Alfarrá, primeiro presidente da história do clube alvirrubro. Todavia, neste período, o Náutico era um clube com maior identidade nas atividades aquáticas, apenas em 1909 ao aderiu ao futebol. Ernesto Pereira Carneiro, então presidente do Náutico, convocou uma assembleia para consultar sobre a adesão ao futebol, a decisão foi unânime para o “SIM”, e o Náutico surgiu para o futebol, realizando sua estreia oficial nos gramados em 24 de julho de 1909, contra o Sport, vencendo por 3 x 1. Sendo assim, estava concretizado o nascimento do Náutico no futebol.

O Santa Cruz foi fundado no dia 3 de fevereiro de 1914, por um grupo de jovens que estava atento à popularização do futebol no Recife e se reunia, constantemente, no pátio da Igreja de Santa Cruz, bairro da Boa Vista, por essa razão o nome do time. A primeira formação da diretoria teve José Luiz Vieira como primeiro presidente da história do clube. O primeiro jogo da história do Santa Cruz foi diante o time do Rio Negro. Um amistoso que foi disputado na campina do Derby e acabou com a vitória do Santa Cruz por 7 x 0, tendo sido Carlos Machado o grande protagonista da partida marcando cinco gols, inclusive o primeiro gol da história do Santa. Começava assim, a gloriosa história do Santa Cruz.

Por fim, destacamos a importância dos três times mais populares do futebol Pernambucano, mostrando como eles se formaram e quem foram os principais nomes, e os primeiros feitos destes clubes centenários.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma descrição acerca de alguns recortes sobre a história do futebol no mundo, como foi sua introdução no Brasil e em Pernambuco. Tudo isso com a perspectiva de defender a valorização de se tratar a dimensão histórica dos conteúdos da Educação Física, neste caso, no que tange ao esporte e sua modalidade mais popular no Brasil: o futebol.

Ao pesquisarmos o futebol, ao longo da história, identificamos que este já foi utilizado com fins militares, religiosos, profissionais, lazer e pedagógico. Mas o que chama nossa atenção é como o futebol e as práticas esportivas serviram de instrumento de distinção social. Acreditamos que essas nuances devem ser problematizadas pedagogicamente no trato do conteúdo e que a Educação Física, além de ensinar a praticar o futebol, promovendo aprendizagens motoras e provocando a compreensão de estratégias técnico táticas, deva também assumir a função social de ensinar o futebol como um conhecimento que tem uma forte perspectiva conceitual.

A Educação Física não pode abrir mão de sua característica primordial que é ser, acima de tudo, uma ferramenta pedagógica e educacional tendo a cultura corporal como conhecimento curricular. Logo, é possível, através da história do futebol, entender a história de um povo, de uma cultura, as suas disputas políticas e econômicas, contribuindo da formação de sujeitos críticos e emancipados.

Reconhecemos as limitações desse estudo por não ter conseguido transpor uma narrativa clássica sobre a história do futebol, protagonizada por heróis, por homens e por grupos sociais mais abastados economicamente. Fica o desafio de não só contar essa história, mas de (re)descobrir a história do futebol dando voz aos grupos socialmente excluídos desse palco cultural, como as mulheres, negros e negras, população indígena, quilombola, ribeirinha, pessoas com deficiência física, dentre outros grupos sociais. Fica o desafio de continuar estudando e tentando contribuir com a área da Educação Física, em

defesa de uma escola com princípios plurais e gabaritada para transformar de fato a sociedade, trabalhando o acesso ao conhecimento e a justiça social.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, G. **História do futebol em Pernambuco**. Recife Bagaço, 1978.

BASEI, Ana Paula; VIEIRA, Marcos Araújo. **O futebol como conteúdo de ensino da Educação Física escolar: possibilidades a partir da concepção crítico-emancipatória**. Revista Digital E deportes. 2007.

BETTI, Mauro, **Educação Física e sociedade**, São Paulo, Editora Movimento, 1991.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRUNORO, J.C.; AFIF, A. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Gente, 1997.

CALDAS W. **O pontapé inicial: memórias do futebol brasileiro**. Livros que constroem, 1990.

CARDOSO, Ana Lúcia. **O futebol da escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

CORRÊA, Franck. **O futebol no ensino médio: tabelando com as concepções**. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 2009.

CUNHA, L.B. **A verdadeira história do futebol brasileiro**, Rio de Janeiro, publicitaria 1993.

Daolio, J. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FERREIRA, Rita Claudia Batista, **O esporte como pratica hegemônica na Educação Física**, Recife, UFPE, 2006.

LIMA, E, J, S. **Recife entra em campo: História social do futebol no Recife (1905-1937)**. p. 19-22, 2013.

LIMA, T, C, S MIOTO, R, C, T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katal. Florianopolis.2007.

MASSARANI, L, ABUCIO, M. **Bola no Pé: a incrível história do futebol**. Cortez,2004.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**: a base para a renovação e transformação da educação física. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1987.

MILLS, J. **Charles Miller, o pai do futebol brasileiro**. Panda,2005.

MURRAY, B. **Uma história de futebol**. Hedra,2000.

MOTA, H. **História do futebol: um espelho da história do Brasil**. p. 53-75, 2006.

NETTO, P.C. **História do Fluminense: 1902-2002**. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2012.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda de. **Educação Física e Ditadura Militar no Brasil(1968-1984) entre a adesão e a resistência**. Revista brasileira de ciências do esporte. Campinas, 2004.

ROTTMANN, H, G, **O espaço do futebol nas aulas de Educação Física no Brasil: História e potencialidades pedagógicas**, Curitiba, 2016

RUIZ, R.N. **Clubes de Futebol: Um Desafio às Teorias de Gestão**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

SANTOS NETO, J. M. **Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil**. Cosac Naift, 2002.

SILVA, Timóteo Dias da. **O futebol como conteúdo das aulas de educação física nas escolas públicas da cidade de Piritiba/BA.** - Universidade de Brasília. Piritiba BA, 2014.

SILVA, Silvio Ricardo da, CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Futebol e a educação física na escola: possibilidades de uma relação educativa.** Ciência e Cultura. São Paulo.2014

SOARES et al. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo. Cortez,1992

VIANA, R.J, **O futebol na Educação Física escolar,** UNESCO, Criciúma, 2012.

VOSE, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos G. V; RIBEIRO, Everton R. **Futebol: história, técnica e treino de goleiro.** Porto Alegre/RS: EDIPUC, 2010.